AÇÃO DO ESTADO

CRISTIANO SILVA RATO

Auto, ajuda

Ainda estou distante

como um viajante

nas fronteiras,

indo e vindo

de país em país,

de estado em estado,

de cidade em cidade,

de favela em favela,

de beco em beco,

de casa em casa

num cômodo mal-iluminado.

Me tranquei em uma lágrima, uma nanolágrima. Meu corpo encharcado tremia, mas eu não sentia frio. Minha boca seca e o vômito que vinha à tona em quantidades assustadoras de golfadas descontroladas junto à fumaça do cigarro encharcado de um vermelho sangue, acho que esse baseado não me dá mais onda, fumei um, fumei dois, um atrás do outro, tomei um gole do uísque barato do hipermercado. O mundo girou à minha volta, eu não quero mais conversar, as palavras são armas na madrugada, são também armaduras fluídas no tempo, mais um latão de cerveja, fodam-se as marcas, os rótulos. Só peço que arranquem meus ouvidos, meus olhos, minha boca, minha mão, meu sexo. Tirem de mim todas as armas e me atirem de cima do viaduto.

Já faz um tempo
Amor
Que não sinto dor nenhuma
Já faz um tempo
Amor
Que meus sorrisos saem tristes
Minha boca
cheia de vermes
não se move mais
amor
meus dentes estão podres
e vejo mais uma vez
o exército invadir
em nome do povo
pisoteiam meu corpo
violentam
estrupam
em nome do povo
o povo.

Ação do Estado

Tenho uma hora até a noite cair,
tenho tempo suficiente para o coito,
tenho a vida brevemente interrompida,
e há alguns, e pelos tempos
as palavras me escapam como escarro
sem sentido,
sem poesia, longe de vidas interrompidas.

Tenho tempo suficiente
para mais um corte,
para mais uma dose,
e mais uma noite de sorrisos e gritos sem alertas,
tenho um, tenho um tempo, que vivo
e só agora, outros compartilham,
meus pés tropeçam,
em escombros, sambas e gozos interrompidos.

Ode, Ódio

Sinto um ódio profundo em mim,
e quem não sente?
Ensinado desde cedo
sobre o medo,
receio que hoje
esta vontade presente
da morte
transpareça todos os dias,
mas meus olhos, janelas embaçadas
pelo rancor,
pelos maus tratos do dia a dia,
as traições do pensar,
não podem temer,
Têm sempre algo além,
masculino, pueril, sem sentido,
morto, pronto para matar
amigos, vizinhos e amores.

Quem sou?

Quem é você?
Olá, quem é você?
Esse eu conheço,
este também,
você não.
Olá, quem é você?
Não posso dizer
não estou.
Sou um fantasma
esperando a morte,
Uma capa de risos,
mas agora
um trem atropela a alma
e não posso me mexer.
Não consigo conversar,
um punhal avança sobre
meu pescoço,
dilacerando as cordas vocais,
arrebentando,
serrilhando,
dando nós.

Eu mudo, em um canto

Do canto ao centro
aqui estou,
tomando socos,
palavras aleatórias,
humilhado,
amigo?
Palavras,
balas perdidas,
derretidas pregadas no papel,
em busca de um preto, índio, mestiço no rolê,
eu que não falo
deixo as vozes me dilacerarem,
aprendi em outras escolas,
de imagens e de farpas,
que palavras no vento
são escapes de carros,
matando lentamente
a revolução das rodas
em conversas que não são conversas,
em cantos que não são cantos,
em foices, verbos sem regular.

Cristiano Silva Rato é autor de "*Todos que conheço são suicidas*" (2019, Editora Caos & Letras) e "*Sentido Suspenso!*" (2012, Multifoco), tem diversos textos espalhados pela internet e em antologias. Documentarista, ajudou a criar e dirigiu o programa de websérie Literatura no Boteco. É Coordenador do Coletivo Terra Firme, responsável pelo selo editorial e agência multimídia Marginália Comunicação, locutor e produtor do programa Cemitério dos Vivos, na Matula Web Rádio, co-fundador e editor da Editora Caos & Letras. Contato: cristianorato@caoseletras.com

*Os poemas integram o livro **"*Todos que conheço são suicidas*"**, editora **Caos & Letras.**

Digramação: Taciana Oliveira
Foto: (capa): Silvia izquierdo